



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA**

**“VELHOS TÊM LEMBRANÇAS E IDOSOS TÊM SONHOS”
NOVOS OLHARES PARA UMA NOVA IDENTIDADE
CAMPINA GRANDE, 2009-2010**

MARCOS ROBERTO CAPORICCI

**CAMPINA GRANDE/PB
2010**



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2023.

Sumé - PB



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO: BACHARELADO EM HISTÓRIA**

MARCOS ROBERTO CAPORICCI

**“VELHOS TÊM LEMBRANÇAS E IDOSOS TÊM SONHOS”
NOVOS OLHARES PARA UMA NOVA IDENTIDADE
CAMPINA GRANDE, 2009-2010**

Monografia apresentada junto à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito à obtenção do título de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó.

Co-orientador: Prof. Dr. Manoel Freire de Oliveira Neto

**CAMPINA GRANDE/PB
2010**

XXXX Caporicci, Marcos Roberto.

“Velhos têm lembranças e idosos têm sonhos”, novos olhares para uma nova identidade – Campina Grande, 2009 - 2010 / Marcos Roberto Caporicci; orientador, Alarcon Agra do Ó; co-orientador, Manoel Freire de Oliveira Neto. – 2010.

99 f.

Digitado.

Trabalho Acadêmico Orientado (Graduação em bacharel em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, Unidade Acadêmica de História e Geografia – UAHG, 2010.

1. Velhice. 2. Memória. 3. Formação Continuada. I. Título.

99. ed. CDD 999.99

MARCOS ROBERTO CAPORICCI

**“VELHOS TÊM LEMBRANÇAS E IDOSOS TÊM SONHOS”
NOVOS OLHARES PARA UMA NOVA IDENTIDADE
CAMPINA GRANDE, 2009-2010**

Aprovado em _____ de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Alarcon Agra do Ó
UFCG
Orientador

Professor Dr. Manoel Freire de Oliveira Neto
UEPB
Co-orientador

Professor Dr. Iranilson Buriti
UFCG
Examinador

**CAMPINA GRANDE/PB
2010**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 PRESERVANDO O PASSADO	10
3 A SOCIALIZAÇÃO E A MEMÓRIA	23
3.1 VOCÊ SE CONSIDERA UM IDOSO?	23
3.2 VOCÊ CONHECE SEUS DIREITOS COMO IDOSO?	26
3.3 QUAL A SUA MOTIVAÇÃO EM CURSAR UMA UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE?	28
3.4 OS OBJETIVOS DO CURSO ESTÃO SENDO ALCANÇADOS?	30
3.5 QUAIS OS MEDOS QUE JÁ ESTÃO SENDO PROVOCADOS COM A APROXIMAÇÃO DO FIM DO CURSO?	32
4 “VELHOS TÊM LEMBRANÇAS E IDOSOS TÊM SONHOS”.	35
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR	43

RESUMO

Palavras-chave: Velhice, Memória e Formação Continuada.

ABSTRACT

Key words:

1 INTRODUÇÃO

“Velha não, idosa sim porque se classifica pela idade, mas eu tenho dinamismo, tenho a mente muito ativa, um corpo ativo para dirigir e ter minha autonomia, então eu sou idosa sim pela classificação que se dá em relação à idade de setenta e três anos, agora velha não!” (Zilda Rasia – aluna da UAMA)

Como a maioria dos idosos declaram, “Ser velho para quê se depois que a gente conhece tanto na vida, já passou por tantas experiências, não tem mais ninguém para ensinar ou falar?”.

Será que a vocação de historiador estaria na preservação das memórias e conhecimentos adquiridos pelos idosos e que se encontra atualmente em um paradoxo entre conhecimento e a capacidade de produzir em um mundo capitalista?

Será que a luta para continuar a vida depois dos “sessenta anos”, vai virar apenas lembranças de um passado ou experiências para projetos de um futuro?

Existe a Terceira Idade, ou o que seria a Terceira Idade? O que é ser velho na sociedade de hoje? Por que a relutância de homens e mulheres em admitir sua idade e classificação etária?

Qual seria a função social do velho na sociedade consumista e trabalhista em que vivemos? Poderia ele arcar com as responsabilidades do emprego e da vida no lar com as contas a pagar e os cuidados com os filhos?

Essas são algumas das questões levantadas neste trabalho acadêmico que irá realizar entrevistas com cinco idosos de variadas faixas etárias, conhecimento intelectual, situação financeira e cultural, onde serão escolhidos de um universo de cinquenta alunos da Universidade da Maturidade (UAMA) situada em Campina Grande, Paraíba, como um curso de extensão da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

Este curso contempla a possibilidade de ingresso de alunos tendo como requisito básico de seleção, ter idade a partir de sessenta anos. É um curso desenvolvido em quatro

eixos temáticos, a saber: Saúde e Qualidade de vida; Educação e Cidadania; Cultura e Lazer; Cultura e Sociedade.

As entrevistas serão elaboradas mediante um questionário com nove perguntas pretendendo homogeneizar os relatos, mas também dando a possibilidade para cada aluno falar independentemente de qualquer pergunta. Os alunos ao adentrar o curso se declaram como pertencentes a um grupo de Terceira Idade.

Não teremos aqui um trabalho acadêmico de amostragem, porque não foi essa a preocupação, mas sim registrar relatos sobre a vida destes alunos. Elas contribuem para a memória daqueles que um dia tornaram-se alunos de uma universidade em uma fase adiantada na vida. Por isso desdobrei a questão central do estudo em algumas perguntas com as quais iniciei esta narrativa.

A sociedade passa por transformações em delimitar novas faixas etárias, não com a infância, juventude ou maturidade, mas com a velhice, ou seria a terceira idade, ou a quarta idade, seja lá qual denominação que daremos a essa projeção, onde com o advento de uma medicina revolucionária com remédios mais potentes, proporciona uma longevidade de vida.

Vive-se mais e com isso cria-se mais problemas de administração de uma população cada vez mais insaciável no consumo e no prazer. O que se vê é uma corrida para se criar meios de produção cada vez mais otimizados e com isso surgem novos empregos tecnológicos que arrastam para suas necessidades pessoas atualizadas e preparadas para esses novos empreendimentos industriais.

Onde ficam as pessoas que lutaram uma vida toda, se deram para o sistema produtivo e agora chegam a uma fase crítica de se administrar na vida, que praticamente acompanharam uma evolução tecnológica como ninguém antes na humanidade presenciou?

A partir de mil novecentos e oitenta, vê-se o computador dobrar de capacidade a cada dezoito meses e essa transformação levou a uma mudança radical nos estudos e preparação para a produção industrial.

Esses jovens de outrora, ainda contaram com as dificuldades de enfrentar no início de suas vidas produtivas, de acordo com os conceitos da sociedade, consequências de uma

guerra mundial que dificultou a aquisição principalmente de alimentos e encontraram um país que começava a entender a educação como parte da necessidade humana de adaptação industrial que passa o mundo até hoje.

Bosi faz um comentário por demais esclarecedor quando diz que *“ser velho na sociedade capitalista é sobreviver sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva, a velhice, que não existe para si, mas somente para o outro. E esse outro é um opressor”* (BOSI, 1994, pg. 18).

Sua compreensão da velhice nos leva à uma crítica sobre o que se esperar de homens e mulheres que envelhecem diante de uma sociedade da competição e do lucro que desvaloriza o operário, o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista. O que fazer com as lembranças que remetem a sentimentos de outrora e que são questionados pelos “idosos” e não pelos “velhos”, pois velhos tem lembranças e idosos tem sonhos.

Mas Bosi de novo contribui para um questionamento importante declarando que *“uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia”*. (BOSI, 1994, pg. 21).

Nosso interesse nesta análise identitária, passa a ser naquilo que foi lembrado, escolhido como sendo a narrativa mais importante para cada indivíduo entrevistado com o intuito de perpetuar-se na história de sua vida.

“Eu como idosa sim, velha não, ainda me acho no direito de fazer parte de uma sociedade, não ficar numa cadeira de balanço somente fazendo um crochezinho, cochilando, não, eu faço tudo que posso até o momento que me for permitida ter essa autonomia e o Projeto UAMA tem colaborado imensamente para isso”. (Zilda Rasia – aluna da UAMA)

2 PRESERVANDO O PASSADO

“Eu digo que nós viemos a este mundo não só pela parte material, nós temos um espírito, alma, seja a religião que for, e por isso temos que ter uma razão a oferecer e este tempo se nós não ocuparmos no meio acadêmico, eu já decidi que vou ser voluntária no Hospital da Fap, vou preencher este mesmo horário com pessoas que estão precisando, agora, eu não tenho curso de enfermagem, não sou médica, eu sou um ser humano que pode oferecer carinho para quem está sofrendo como um câncer ou outra doença, talvez porque tenha vivido com isso com meu marido esse problema tirei sim um curso intensivo na vida e eu sei que uma palavra ou um gesto, chegar perto de uma pessoa e dizer: “Dona Maria como a senhora está hoje?” A pessoa está abatida e eu sei que a doença vai levando dia-a-dia por este caminho. Todos nós vamos partir um dia, mas parece que aquela pessoa está no corredor da morte e não me custa chegar com um sorriso e dizer “como a Dona Maria está tão bem hoje!”. Eu posso ler uma poesia para a pessoa. Eu quero olhar este lado, evoluindo meu espírito e dividindo um pouco de mim com quem precisa. Eu sou um ser humano feliz apesar das perdas, e todos nós temos perdas neste mundo e temos que nos preparar para tal. Eu vivi um relacionamento, um casamento de cinquenta e cinco anos de um homem que toda vida, desde jovem até partir, todos os dias ele dizia o quanto me amava e ele dizia isso não só em casa pra que eu ouvisse, mas ele dizia isso na fila de supermercado, nós caminhávamos sempre de mãos dadas e as pessoas sempre diziam que casal bonito e ele dizia que esta mulher é a minha vida e se um dia eu perdê-la, perdi a vida. Ela é tudo pra mim. Quem viveu um grande amor como eu vivi e estou forte como eu estou, apesar de fazer três anos que eu perdi meu marido, eu agradeço a Deus, agradeço a Deus por este projeto e pela força que ele concede e dizer a todo ser humano que divida um pouco de si com quem precisa. Eu agradeço todos os dias a Jesus principalmente quando acordo eu digo: “Bom dia Jesus”. Muito obrigada”. (Zilda Rasia, aluna da UAMA).

Iniciando a fase de entrevistas, pudemos contemplar Dona Zilda, que de forma poética e graciosa nos ajuda com seus sentimentos de preservação da vida e da memória, demonstrando o valor das lembranças e das oportunidades envolvidas, citando seu marido que deixa saudades pela partida.

Ela valoriza e revive os momentos em que passaram juntos e na ansiedade de dividir lembranças e satisfações com os mais carentes deixa um grande exemplo de vida e determinação em não desistir.

As estatísticas contribuem em nossa observação de que o mundo caminha para ficar mais velho. “No Brasil, os idosos representavam 4,2% em 1950 e hoje 7,1% e o aumento da expectativa de vida mundial tem gerado uma maior preocupação quanto um envelhecer mais saudável, independente, ativo e com qualidade de vida” (NETTO, 2005, pg. 28).

As patologias associadas ao sedentarismo trazidas juntamente com o processo de envelhecimento acabam comprometendo a capacidade funcional do idoso gerando uma

maior dependência na realização de suas atividades diárias, por isso é que está havendo um crescimento no incentivo do anti-sedentarismo, principalmente com atividades diárias conjugadas à melhor alimentação. Isso é o que está sendo levantado na UAMA às terças e quintas pela manhã, com atividades físicas, acompanhamento médico e aulas das mais diversificadas.

As universidades brasileiras que se envolveram com a Terceira Idade, são o começo de uma nova fase educacional que amadureceram com a criação em mil novecentos e cinquenta da “International Society of Gerontology”¹, com a preocupação de estudar o envelhecimento humano sendo que no Brasil, em mil novecentos e sessenta e um será fundada a Sociedade Brasileira de Geriatria, posteriormente designada Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia.

A partir de mil novecentos e setenta, haverá um aprimoramento dos estudos sobre envelhecimento principalmente em São Paulo no Hospital do Servidor Público dirigido pelo professor Reynaldo Chiaverini. A partir de 1992 a Universidade de São Paulo inclui a Geriatria como disciplina obrigatória no currículo do quarto ano médico.

A contemporaneidade vai ressaltar os problemas ambientais, sociais, culturais e econômicos em maior ou menor grau de interferência no processo de envelhecimento e a repercussão disso se dá no impacto demográfico determinado pelo crescimento acentuado da população idosa.

Netto introduz em seu estudo sobre o envelhecimento, o desafio na transição do século como um momento a ser refletido na composição dos problemas do ser humano, demonstrando que o retardo ao envelhecimento mediante melhores tratamentos, condições de higiene e mais informações nutricionais, provocarão um impacto na saúde como um todo.

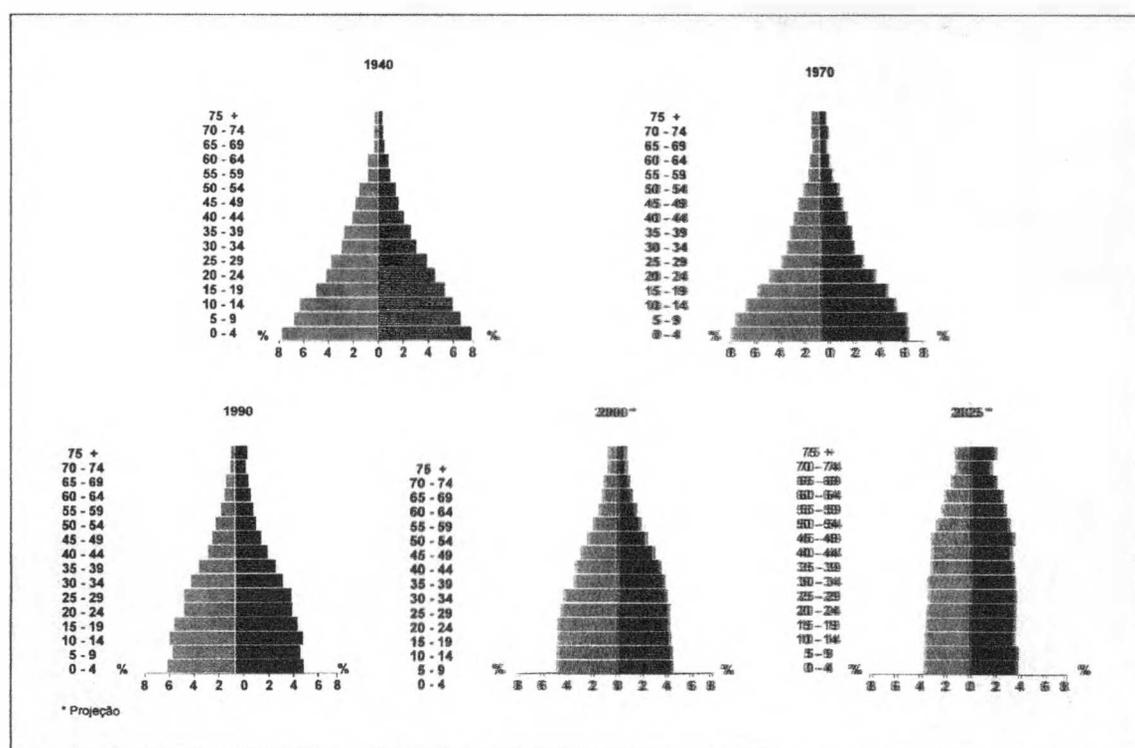
Esses acontecimentos históricos ajudam a compreender a imagem do idoso e a sua própria aceitação diante de uma sociedade que agora passa a ser consumista e capitalista, diferenciando na sociedade a contribuição que cada um pode dar (NETTO, 2005, pg. 9).

¹ NETTO, 2005, demonstra em sua introdução estas observações acerca da evolução do pensamento sobre a Terceira Idade e o crescimento da medicina nos questionamentos quando aos idosos.

Diante das expectativas de crescimento populacional onde se estima que no Brasil, entre mil novecentos e cinquenta e dois mil e vinte e cinco, a população total crescerá cinco vezes enquanto os idosos, igual ou maior que sessenta anos, aumentará quinze vezes.

O impacto que será gerado é preocupante hoje e será alarmante num futuro próximo e com isso haverá a necessidade de profundas transformações socioeconômicas, visando melhor qualidade de vida dos idosos.

As exigências do mundo moderno têm como consequência natural o isolamento do “velho” e um impacto sobre a sociedade que terá que enfrentar este desafio com absoluta presteza.



“Não é justo, não é humano somente prolongar a vida dos que já ultrapassaram a fase de homens adultos, quando se não lhes dá condições para uma sobrevivência digna. Sob este aspecto não há dúvida ao se afirmar que é melhor acrescentar vida aos anos a serem vividos do que anos à vida precariamente vivida”. (Papaléo Netto, 2005, pg9)

Entender melhor o conceito de velhice e o envelhecimento humano em uma visão globalizada tem influenciado o adentrar acadêmico proporcionando novos olhares para a vida. Assim, ser “velho” hoje, na nossa sociedade, implica viver uma relativa situação de discriminação social, ser excluído de vários lugares como o sistema produtivo e até mesmo da vida social.

Carmo (2001, pg.198), faz uma apresentação sobre a ânsia de parecer jovem que a sociedade da época, com 25 anos, onde se encaixa as pessoas da terceira idade de hoje, narrando que “Um homem de vinte e cinco anos já portava o bigode, a roupa escura e o guarda-chuva necessários para identificá-lo entre os homens de cinquenta anos, e não entre rapazes de dezoito anos”.

Essa ânsia pelo que se vê, sempre existiu e assunto principal entre os jovens é que “os adultos, sim, sabiam viver. Chegavam em casa à hora que queriam, fumavam, bebiam, saíam à noite com amigos, viajavam nos fins de semana. Tudo lhes era permitido, até sexo!”.

De acordo co Carmo, essa cultura jovem em curso fortaleceria a difusão de valores individualistas e do não conformismo e na era da tentação embriagadora do consumo, parecer jovem é a palavra de ordem do momento. O culto à juventude e o modelamento do corpo através de atividades físicas, ingestão de vitaminas ou correção plástica caminham juntos.

A publicidade e o consumo vão gerar novos símbolos e valores desses movimentos libertários juvenis, forçando uma padronização na conduta, roupas e expressões. Carmo cita Paulo Moreira Leite²:

“Você sabe por que a televisão, a publicidade, o cinema e os jornais defendem os músculos torneados, as vitaminas milagrosas, as modelos longilíneas e as academias de ginástica? Porque tudo isso dá dinheiro. Sabe por que ninguém fala do afeto e do respeito entre duas pessoas comuns, mesmo meio gordas, um pouco feias, que fazem piquenique na praia? Porque isso não dá dinheiro para os negociantes, mas dá prazer para os participantes. O prazer é físico, independentemente do físico que se tenha: namorar, tomar milk-shake, sentir o sol na pele, carregar o filho no colo, andar descalço, ficar em casa sem fazer nada. Os melhores prazeres são de graça - a conversa com o amigo, o cheiro do jasmim, a rua vazia de madrugada -, e a humanidade sempre gostou de conviver com eles [...] Mas vivemos num mundo onde relaxar e desligar-se se tornou um problema. O prazer gratuito, espontâneo, está cada vez mais difícil. O que importa, o que vale, é o prazer que se compra e se exhibe, o

² LEITE, Paulo Moreira, O Império da vaidade, Veja, São Paulo, 23 de agosto, 1995, pg. 79

que não deixa de ser um aspecto da competição. Estamos submetidos a uma cultura atroz, que quer fazer-nos infelizes, ansiosos, neuróticos”.

A esse intenso bombardeio de informações publicitárias que os meios de comunicação anunciam, podemos chamar de capitalismo moderno e esse caminho conduz à irrelevância pessoal, no âmbito da produtividade e consumo cada vez mais voraz. “O cidadão comum procura fazer parte do grande templo do consumo”, como diz Carmo (2005, pg 207).

A identidade do idoso acaba se construindo pela contraposição à identidade do jovem que prima pela qualidade de vida com grande intensidade nas atividades físicas, força, memória, beleza, potência e produtividade que serão as características típicas da atualidade de praticamente todas as sociedades globalizadas, mas apesar de ser um sistema altamente evolutivo no conceito tecnológico, precisa começar a ser revista agora na medida em que se entenda como constituída culturalmente.

A preservação do passado mediante a história oral, no caso os alunos da UAMA, demonstra uma vida urbana que influenciou uma cultura e criou uma perspectiva de vida diferenciada, pela abertura das janelas das informações que a educação e a comunidade proporcionaram.

“Em primeiro lugar eu quero agradecer a Deus por essa oportunidade e segundo lugar eu quero dizer que sou o mais velho da turma e o último a entrar nesse curso. Tenho oitenta e dois anos completos registrado em mil novecentos e vinte e sete, eu fui militar voluntário, tenho um defeito que você já viu é que falo alto demais. Fui criado no Cariri, sem fruta, sem nada, criado com feijão e rapadura e leite de jumenta e é por isso que os pulmões são mais fortes um pouquinho e me chamam de ignorante, mas outro dia eu vi um professor catedrático que fala mais alto que eu. Minha família é o seguinte, eu boto todo mundo pra trás, doze netos, seis bisnetos, nenhum usa brinco, tatuagem, nenhum homossexual, nenhum homicida, todo mundo trabalha e estuda e eu considero uma dádiva de Deus, mas que Deus perdoe a mocidade porque parece que o que está dominando este mundo é as drogas viu. Sou casado com a mesma mulher há cinquenta e seis anos e tive dezesseis filhos. Vivo hoje graças à minha aposentadoria, já conheci o exterior e boa parte do Brasil, já fiz curso de informática, inglês para chegar nos Estados Unidos e saber perguntar e tomar um café e a melhor coisa que eu fiz na minha vida foi entrar neste curso aqui e agradecer o doutor Manoel Freire Oliveira Neto” (José Guedes, aluno da UAMA).

Sr. José Guedes é uma demonstração de uma vida que procura uma relação entre passado e lembranças com o presente e possibilidades, de uma pessoa que já comeu feijão com rapadura e só.

Dona Josefa é outra pessoa que viveu no campo e tentou a sorte na cidade. Ela declara que:

“Minha mãe teve vinte e dois filhos e criou dezessete e nós éramos acostumados desde pequenininha a trabalhar. Eu sou de Limoeiro em Pernambuco e morava no sítio. E quando a gente nasceu, era tanto menino que pra não ficar tudo dentro de casa a gente saia pra trabalhar. Quando era pequeno e não sabia fazer nada, papai botava pra catar caroço de café no chão. Eu não estudei, porque tinha até o terceiro ano primário porque naquele tempo estudar era pra quem era rico. (Josefa Monteiro, aluna da UAMA).

Goldenstein³ cita que a década de mil novecentos e oitenta diferencia-se pela profundidade das transformações por que passou o capitalismo internacional, uma verdadeira revolução na medida em que suas bases tecnológica, produtiva, comercial e financeira sofreram mudanças radicais.

Esse processo, que vem sendo chamado de globalização, tem levado à integração dos mercados de bens, serviços e de capital. A retomada do crescimento somente se dará a partir de mil novecentos e oitenta e quatro e a Nova Constituição a partir de mil novecentos e oitenta e oito virá abrangendo grandes desafios à nação chamada Brasil que trará em seu bojo ideias e leis que favorecem por demais aos cidadãos.

E esse protecionismo exacerbado, causa conflitos e choques de interesses o que nos remete à reformas necessárias nos dias atuais. Elas devem passar por principalmente cidadãos da Terceira Idade que vislumbraram um passado de dor e insatisfações e agora almejam o mundo globalizado.

Em contrapartida, há uma citação no livro de Carmo que demonstra um conceito de observação da vida muito relevante para se pensar esse mundo globalizado e capitalista em que estamos. Carmo (2001, pg. 248) faz uma reflexão sobre para que serve o conhecimento e diz que certa vez nos Estados Unidos, um grupo de índios foi convidado para estudar em uma escola de homens brancos.

Ao recusarem o convite, dos governos de Virgínia e de Maryland, os índios agradeciam com a justificativa de que a ideia de educação do homem branco não é a mesma da do indígena:

³ 1994 apud, NETTO, *Gerontologia*, São Paulo, Editora Atheneu, 2005, pg 89.

Muitos dos nossos bravos guerreiros foram formados nas escolas do Norte e aprenderam toda a vossa ciência. Mas, quando eles voltavam para nós, eles eram maus corredores, ignorantes da vida da floresta e incapazes de suportar o frio e a fome. Não sabiam como caçar o veado, matar o inimigo ou construir uma cabana, e falavam nossa língua muito mal. Eles eram, portanto, totalmente inúteis. Não serviam como guerreiros, como caçadores ou como conselheiros. Ficamos extremamente agradecidos pela vossa oferta e, embora não possamos aceitá-la, para mostrar a nossa gratidão concordamos que os nobres senhores de Virgínia nos enviem alguns de seus jovens, que lhes ensinaremos tudo o que sabemos, e faremos deles, homens.⁴

Os relatos de nossos avós, bem como os de Dona Josefa, é que a escola era para poucos privilegiados, pois as crianças iniciavam-se no trabalho com pouca idade e a escola passava a ser algo supérfluo.

Elias (2001, pg. 11) em sua narrativa acerca do envelhecimento e da morte retrata a solidão dos moribundos e a condição humana de forma a demonstrar essa experiência contemporânea da velhice à invenção da própria modernidade que também contribui com esse debate sociológico e as perspectivas culturais, sociais e psicológicas envolvidas nas pessoas de terceira idade que são vistos como improdutivos e incapazes de contribuir com a sociedade.

Elias procura demonstrar uma idéia da morte onde se tenta encobrir e reprimir esse pensamento afastando as possibilidades de nossa presença e o isolamento dos moribundos.

Ele salienta que não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos apesar de a expectativa de vida se estender cada vez mais diante de uma sociedade voraz contra o envelhecimento e tenta-se desviar os olhos da sociedade para tal fim humano ou desumano da morte, afastando as crianças deste ambiente fúnebre e isolando cada vez mais a sociedade diante da perspectiva da morte, isolando-a em hospitais ou centros clínicos para idosos.

O choque cultural é real e previsível diante de uma civilização que questiona a morte e conseqüentemente seus idosos e Elias propicia esse debate de forma inteligente.

Elias conta com Ariès e Foucault como referências importantes acerca da invenção histórica da velhice que Alarcon Agra do Ó se refere em seu artigo sobre "*Elias e uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte*", quando destaca a teoria social e suas

⁴ Citado por Carlos R. Brandão, *O que é educação?* (São Paulo: Brasiliense, 1984, pg 8-9).

contribuições para se enfrentar os tabus que estão sendo quebrados com as amplitudes de informações disponíveis àqueles que estão envelhecendo e cumprindo seus dias.

“Aos velhos passou a caber apenas a culpa por sua própria decadência e a alternativa do isolamento, sob os cuidados de instituições e especialistas, que os retiram do convívio social, pacificando a sensibilidade dos mais jovens” (Agra, 2008, pg. 392).

Pode-se acrescentar ao debate o instrumento proporcionado por Barros sobre cultura no urbano, onde ele descreve sua dúvida quanto às relações entre cidade e cultura perguntando: “Terá a cidade uma cultura específica? Será possível estabelecer uma caracterologia generalizável para o homem urbano, que o distinga, por exemplo, do homem do campo?” (Barros, 2007, pg. 81).

Como destaca Hobsbawm (1977, p. 222), *a segunda metade do século XIX na Europa foi sacudida pelo mundo da indústria e da tecnologia, onde “trabalho industrial e urbanização eram as formas mais dramáticas da nova vida”. Grandes contingentes humanos foram lançados em um ambiente que em nada se assemelhava à repetição, à preservação dos costumes, às relações pessoalizadas, à preponderância dos laços morais, em suma, ao transtorno da existência coletiva até então existente.*

A revolução industrial provoca um aumento de trabalho e conseqüentemente uma diminuição das possibilidades de entretenimento principalmente dentro do lar, dificultando o relacionamento familiar e afastamento da intelectualidade. Isso ocorre em todos os continentes e no Brasil não será diferente.

Para contribuir com o problema, temos Peixoto aflorando um choque de gerações em que as mudanças bruscas tecnológicas serão fundamentais na manutenção dos relacionamentos entre as sociedades. Ela cita:

Hoje, na França, praticamente todos os domicílios possuem telefone e a sociabilidade foi profundamente transformada pelos efeitos de sua difusão generalizada. As visitas espontâneas e a arte de escrever cartas e cartões são práticas que foram totalmente transformadas e estão em processo de desaparecimento. As pessoas se correspondem cada vez menos por cartas, preferindo “dar um telefonema” e as visitas espontâneas, aquelas de passagem e sem aviso prévio são, agora, prevenidas por telefone quando não são totalmente substituídas pelas “visitas telefônicas”. Conseqüentemente, não possuir um telefone é correr o risco do isolamento social (2005, pg. 59).

A tecnologia, além da telefonia celular dos dias atuais, adentra os lares com aparelhos eletrodomésticos, televisores, computadores e assim, nessa revolução tecnológica, acaba produzindo também uma revolução social que ora agrega a comunidade em eventos sociais, ora desagrega a mesma comunidade pela individualidade produzida por medo, cansaço, demasiadas tarefas.

Essa dialética que Hobsbawm e outros levantam, remete ao grupo social da atualidade, um grupo carente de informações e participações do cotidiano capitalista e que ora se socorre às possibilidades oferecidas à Terceira Idade.

São experiências que a Universidade Aberta à Maturidade através das entrevistas de seus alunos, possibilitou um acompanhamento da transformação de uma geração que se abre para o mundo através da informação.

O Sr. José Guedes vai se alimentar de feijão e rapadura com leite de jumenta, mas sua chegada à cidade ocasionará novos comportamento e novas oportunidades. Ele vai se casar, ter seus filhos, vai dirigir caminhão e criar abelhas para dar estudos aos filhos e com isso segue o caminho traçado para os idosos sendo que ele é o mais velho dessa turma que está na universidade.

Baudrillard⁵ contribui com a problemática dizendo que *no debate sobre a pós-modernidade, certas concepções se destacam como em primeiro lugar, considera-se que vivemos em uma cultura dominada por imagens, onde a mídia tem um papel fundamental na produção de narrativas que criam um universo de ilusão. O “espetáculo” midiático atinge as diversas esferas sociais, produzindo uma “realidade à parte” ou o “hiper-real”.*

É de se esperar que a influência midiática tenha transformado a sociedade e nivelado de certo modo sua cultura através das imagens e conveniências de transmissões realizadas por rádio e televisão.

⁵ 1997apud FRIDMAN, L. C. **Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, VI (2), 353-375, jul-out, 1999, pg. 355.

As importações de produtos de países exportadores de imagens como Estados Unidos e Europa influenciam não só nessa transformação globalizada, principalmente na conjuntura em questão a que tratamos como geradoras de uma sociedade “manipulada” por informações direcionadas.

Segundo Jameson⁶, *assim como a industrialização e a urbanização mudaram o ritmo e as feições da vida do século XIX, as linguagens midiáticas alteraram decisivamente os modos de vida atuais. A cultura baseada na imagem, dispendo de meios como a televisão, os computadores, a publicidade, etc., suplantou a cultura literária anteriormente predominante. O que se vê é a “estetização da realidade”.*

Jameson destaca o consumo e desejos da massa inculcados pelas imagens disponibilizadas pelo capitalismo que oferece mercadorias a todo momento durante a programação televisiva. É a televisão se aprimorando em seus métodos cognitivos de alcance das massas transformando as imagens em atrações coloridas e desejadas.

Essa visão de imagem que vende produto tem dilacerado mentes e olhos para novos conceitos e realidades, produzindo consumidores aviltados e desequilibrados que compram sem critério e sem prioridade causando disfunções gerais nas famílias em que estão inseridos.

É a nova realidade onde os jovens se sobrepõem aos adultos e idosos com uma exigência cada vez maior de consumo e aquisição. O que se vê é o crescente endividamento familiar, principalmente do idoso aposentado que socorre seus entes com empréstimos na tentativa de eliminar os apertos financeiros.

Dona Josefa prevê suas dores futuras quando diz:

“Eu vou sentir muita falta da universidade porque não quero mais ficar em casa direto porque o dia não passa nunca. A televisão não vale nada porque raramente tem algo que presta. Eu não quero nem pensar nisso. Eu tinha tanta vontade de vir pra universidade que acho que foi Deus que preparou isso” (Josefa Monteiro, aluna da UAMA).

As ansiedades de Dona Josefa refletem as ansiedades dos idosos, pois quando das entrevistas, este assunto foi de unanimidade e o que se pode observar é a vontade de

⁶ 1996 idem, pg. 358.

continuar aprendendo e usufruindo das amizades e entretenimentos, quer sejam culturais, físicos ou intelectuais.

Bourdieu⁷ contribui com a idéia de que a estética televisiva favorece o cancelamento da memória e da distância crítica, com danos à subjetividade que não são pequenos. Nenhuma argumentação se aprofunda, nenhum trabalho da memória é assim reativado, abrevia-se o sentimento e a reflexão.

Esse conceito de cancelamento de memória é claro e preocupante tendo em vista a inutilidade de eventos televisivos que entopem nossos olhos com falsas informações e lixos decorrentes de entretenimento de baixa qualidade.

Giddens⁸ declara que o pensamento de que quanto mais se expande a modernização reflexiva mais os agentes (sujeitos) adquirem a capacidade de refletir sobre as condições sociais de sua existência e, assim, habilitam-se a modificá-las.

Isso transmite insegurança, pois os limites do conhecimento são sempre ultrapassados como a evolução constante da tecnologia, medicina, remédios, etc.

Esse é o preço da ansiedade tecnológica e científica que produz um ambiente onde a ciência nunca pára de produzir e essa busca insaciável pela informação e resultados positivos acerca de descobertas médicas e grandes lucros para as empresas envolvidas cria homens e mulheres que devem crescer sem limites de conhecimento.

Empregos cada vez mais exigentes e reivindicantes de tempo e dedicação produzirá na sociedade pessoas que dão sua contribuição de forma imediata e também se desgastam na mesma velocidade.

A globalização intensifica as relações sociais e essa aproximação do mundo constrói novas culturas, gastronomia, educação e costumes que influenciarão a vida e a tomada de decisões.

⁷ 1997apud FRIDMAN, L. C. **Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento**. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VI (2), 353-375, jul-out, 1999, pg. 355.

⁸ 1996, idem, pg. 359.

É uma geração que está vivenciando maior fluxo de informação em suas casas e agora passa a ter conteúdos que ajudam a entender melhor os processos da vida e do cotidiano que mostrarão um novo mundo até então inacessível aos próprios olhos.

A internet contribuirá com informações relevantes para pesquisas escolares e comunicação on line com qualquer pessoa que esteja conectada no planeta, com ferramentas usuais como o “Skipe” onde se fala e se vê instantaneamente, evitando-se o custo de ligações interurbanas ou até mesmo internacionais.

Este novo conceito de comunicação ilumina os olhos dos idosos do curso da UAMA, sendo que este diferencial tem chamado muito à atenção desses “novos” alunos, mesmo diante de um grande desafio que essa tecnologia proporciona principalmente pelo acelerado obsolescimento.

“Tenho dois programas numa rádio onde durante a semana eu tenho que fazer a programação por escrito porque ainda não aderi ainda à tecnologia e é com o lápis que faço a programação dos dois programas e a seleção musical e apresento os dois programas. Um é “Amor eternamente amor” onde eu falo de amor, ternura, carinho, onde eu falo de autoestima e essa autoestima é que me faz estar aqui. O outro é um programa saudosista onde eu digo que saudade é uma dádiva divina e não é motivo para tristeza porque só se tem saudade do que foi bom, então se eu tenho saudades, foram momentos vividos e que Deus facultou ao ser humano a saudade para que a gente viva e revida através da emoção, do raciocínio do cérebro e do coração, porque ninguém terá saudade de momentos ruins e todos nós tivemos os nossos. E eu já tenho medo neste momento do que vai ser depois de nós deixarmos o Projeto UAMA porque esta saudade virá se não houver outras opções” (Zilda Rasia, aluna da UAMA).

Dona Zilda empresta mais uma vez sua fala para nos dar a oportunidade de enxergar realidades diferentes entre idosos. Apesar de ter programas na rádio, ela tem dificuldades com computadores e faz as coisas na mão como ela diz e também visualiza os momentos maus que teve e que todo mundo tem, mas que devem ficar para trás e que devem ser esquecidos.

Claro que não podemos esquecer, pois nossas lembranças sempre estarão lá para consultarmos e revermos bons e maus momentos e aprendermos com todos eles. A experiência é válida e ela é a causa de orgulho ou satisfação humana, como também da decepção ou ódio.

Na preservação do passado, quero estar encerrando este capítulo com uma citação de Halbwachs⁹ no livro de Ecléa Bosi onde ele diz que:

“Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: nesse momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. Haveria, portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação d lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, pg. 63)

⁹ 1956, apud, BOSI, Ecléa, Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos, 3ª edição, São Paulo, Cia das Letras, 1994, pg 63.

3 A SOCIALIZAÇÃO E A MEMÓRIA

Podemos iniciar uma discussão abarcada por relatos de vida de idosos que na sua intenção de vencer novos desafios, participam de uma Universidade Aberta da Maturidade (UAMA).

Neste desejo de contemplar novos conhecimentos e amizades surgem necessidades que serão relatadas pelos alunos participantes e aqui tratadas de forma a visualizar e compreender como esses idosos tiveram aprimoramentos culturais, sociais, físicos, econômicos, políticos e tecnológicos.

Procurando enxergar esta “nova identidade” nas entrevistas realizadas, pude notar uma convicção sobre o que o estudo na Terceira Idade tende a ocasionar. Iniciando a pesquisa perguntei sobre a consideração de ser ou não idoso e nas mais surpreendentes respostas, podemos entender melhor o que rege uma nova geração de pessoas que ultrapassaram os sessenta anos de idade.

Eles seriam o que exatamente? Uma Terceira Idade? Ou uma nova idade que tenta se inscrever na história com novos conteúdos e vivências? Bem vamos a algumas respostas que nos fazem refletir sobre este momento em que a sociedade está vivendo não só no Brasil como no mundo, com uma perspectiva de vida maior.

3.1 VOCÊ SE CONSIDERA UM IDOSO?

Dona Zilda, viúva, procura interpretar este novo momento de sua vida com uma frase que marca a memória dos idosos onde afirma com veemência que ser:

“Velha não, idosa sim porque se classifica pela idade, mas eu tenho dinamismo, tenho a mente muito ativa, um corpo ativo para dirigir e ter minha autonomia, então eu sou idosa sim pela classificação que se dá em relação à idade de setenta e três anos, agora velha não!”.

Dona Geralda, solteira e sem filhos, também com um pensamento contributivo afirma que:

“Me considero uma idosa, mas uma idosa criança, adolescente, que vê o mundo com uma visão maior, porque eu me sinto útil para a comunidade e para as pessoas que chegam pra mim e eu posso tratar!”.

Dona Josefa, de setenta e três e viúva declara que:

“De forma nenhuma me sinto idosa, porque o meu apelido é mocinha, por isso eu acho que nunca vou morrer velha, porque eu vou morrer vão dizer que morreu mocinha. Eu tenho muita disposição para trabalhar. Minha mãe teve vinte e dois filhos e criou dezessete e nós éramos acostumados desde pequenininha a trabalhar. Eu sou de Limoeiro em Pernambuco e morava no sítio. E quando a gente nasceu, era tanto menino que pra não ficar tudo dentro de casa a gente saía pra trabalhar. Quando era pequeno e não sabia fazer nada, papai botava pra catar caroço de café no chão. Eu não estudei, porque tinha até o terceiro ano primário porque naquele tempo estudar era pra quem era rico e eu quando ia pra escola carregava o tambureto nas costas porque na escola não tinha lugar pra sentar e quem não levava sentava no chão ou ficava em pé. Quando fui pra cidade morar com um tio meu é que eu fui pra escola até o terceiro ano primário. Depois da quarta série tinha admissão e era tudo particular e eu nem cheguei a concluir a quarta série porque meu tio teve um problema de saúde e eu tive que ajudar.”

Seu Wilson de sessenta e dois anos, casado, tem uma visão de ser idoso conflitante com sua realidade quando diz que:

“Eu tive alguma dificuldade em assumir a minha idade, pois um certo dia eu fui a uma lotérica e por pressa peguei a fila do idoso e minha esposa que estava fazendo compras em outra loja chegou e falou alto “ué você na fila do idoso?”, falou alto e eu quase me escondi atrás do balcão. É a dificuldade de ser idoso e não querer assumir querendo ser garotão quando a idade chegou e não tem mais jeito e o curso UAMA me ajudou bastante no entrosamento com os demais colegas de sala de aula e me ajudou a assumir ser idoso e eu até falo, não sou velho, sou idoso, porque o idoso tem projetos e o velho não, só tem lembranças e esse pensamento me impulsiona a continuar e o curso me deu informações novas, toda informação nova proporciona mudanças e esse curso foi mais ainda porque me ajudou a aceitar a condição de idoso”.

Sr. José Guedes, na experiência de ser o mais velho da turma com oitenta e dois anos de vida e sendo casado com a mesma mulher há cinquenta e seis anos e com dezesseis filhos, declara que:

“Vivo hoje graças à minha aposentadoria, já conheci o exterior e boa parte do Brasil, já fiz curso de informática, inglês para chegar nos Estados Unidos e saber perguntar e tomar um café e a melhor coisa que eu fiz na minha vida foi entrar neste curso aqui e agradecer o doutor Manoel Freire de Oliveira Neto e me considero idoso e velho. Eu sou amante, em primeiro lugar eu adoro Deus e segundo lugar adoro o trabalho, tenho fé em Deus em morrer trabalhando. Eu não gosto da velhice,

mas eu estou aqui muito satisfeito procurando conviver com a terceira idade, pois aqui é muito rejeitada ainda, pois tem países lá fora que as leis são muito mais respeitadas que a nossa”.

Diante destas declarações podemos notar um sentido diferente em ver a vida na perspectiva do idoso que pode e tem o direito de continuar sonhando e realizando seus desejos e oportunidades de uma vida com mais saúde, mais prazerosa, mais confortante por ter ao seu lado novas amizades e novos conhecimentos.

A visão de ser criança talvez tenha nessa fala um desejo de realizar aquilo que não teve a oportunidade de ser feito quando em sua infância. Veremos mais tarde com outras perguntas que surgirão e tentarão ser respondidas. Mas por hora ficamos com a criança do interior desses idosos, que agem de forma arteira com seu novo grupo de convivência, como uma criança que aprecia novas experiências na sua identidade.

Para elas, esta fase da vida passa pela vontade de continuar contribuindo com ajuda humanitária o que a torna com sentido de vida pela utilidade em que ocupa com outros idosos.

A fala é de alguém que tenta se convencer de que não vai envelhecer, porque é mocinha. É o relato de uma vivência difícil, de uma infância debilitada com poucas oportunidades e de muitos desejos, principalmente quanto às dificuldades para estudar, pois na escola não tinha nem cadeira para sentar e se usava “tambureto”, uma espécie de banquinho.

Diante de poucas oportunidades, trabalha-se cedo para viver a vida como é possível viver, mas agora na maior idade, quer ter a oportunidade de vislumbrar as atitudes de alguém que sonha em viajar e conhecer novos lugares e pessoas. Agora essas pessoas são universitárias.

São perspectivas de uma realidade incondicional como o Sr. Wilson que agora é idoso e não pode mais negar e isso precisa ser trabalhado em seu coração. A universidade UAMA contribuiu para vencer seu trauma colocando-o junto com mais idosos e tornando essa passagem uma nova oportunidade de relacionamentos com pessoas tão heterogêneas na formação intelectual, mas semelhantes em condições físicas.

Sr. José com certeza viveu momentos da história do Brasil que marcaram uma época e uma geração quanto às dificuldades da vida com alimentação restrita e impossibilidade de estudo pelas dificuldades inerentes à uma família tão numerosa que pertenceu.

Mas o ser considerado idoso ou idosa não termina nossa problemática de pesquisa que deseja alargar as fronteiras do conhecimento de homens e mulheres que contribuíram na evolução do pensamento dessa idade transacional.

3.2 VOCÊ CONHECE SEUS DIREITOS COMO IDOSO?

Junto ao ser idoso ou idosa, vem o entendimento de conhecer as leis, os direitos a que estão inseridos e com essa pergunta vamos dar continuidade ao aprofundamento desse estudo.

Dona Zilda declara que:

“Eu conheço alguns direitos e reivindico sempre que possível. Se eu chegar em um banco, um estabelecimento ou até mesmo no ato de votar, tem uma fila enorme e eu vou lá na frente com o título na mão e digo “eu posso” e passo na frente das pessoas mais novas”.

Dona Geralda também argumenta a respeito dizendo que:

“Conheço meus direitos como idosa e aprendi muito com a televisão que também nos trás esse conhecimento, mas o professor é muito melhor para ensinar. Só vamos ter direito se nós correremos atrás”.

Dona Josefa contribui com a argumentação de:

“Conheço um pouco, mas depois que a gente entrou aqui, o professor de direito mostrou nossos direitos. É pena que muitos deles estejam apenas no papel porque quando você precisa mesmo não consegue. Um dia desses eu fui comprar uma passagem pra João Pessoa e pedi para idoso e eles disseram que não tinha mais e parece que foi de propósito que me deram a última cadeira, a última cadeira pra viajar e na viagem eu notei que tinha muitas cadeiras desocupadas na frente”.

Na pessoa do Sr. Wilson, os direitos novos com a nova idade são percebidos na sua declaração:

“Conheço, apesar de já ter tido a crise da fila, mas o problema maior são as pessoas que não acreditam que sou idoso e até pedem documento, pois lá em Rondônia eu estava em uma lotérica e um senhor me criticou por eu estar em uma fila de idoso e perguntou por que eu estava lá e eu respondi: “Eu estou grávido!” todo mundo riu, mas eu confirmei que era idoso e ele me falou que eu não aparentava e eu agradeci. Eu me cuidei até hoje e vou continuar a me cuidar para ter uma aparência mais jovem”.

Sr. José vê com o prisma da lei quando lembra detalhes sem igual da perspectiva do idoso declarando que:

“Agora está mudando um pouco com o estatuto do idoso com a lei 10.741/3 e os mais velhos tem que procurar entender um pouquinho os direitos nossos, apesar de ser um direito que não me atinge muito, porque eu gosto muito de obedecer uma fila, porque se alguém chegou na minha frente, eu não quero saber a idade, porque tem mais direito que eu, isso aí eu sou radical comigo mesmo. Eu queria é que em vez de dar passagem de graça pro velho, dê 50% de remédio, porque o velho que não tomar remédio já morreu. Eu não sou muito satisfeito com a vida por isso. Eu gostaria de trabalhar fisicamente muito, mas a minha hipertensão me atrapalha e muito. Fui motorista em São Paulo, fui caminhoneiro, mexo com abelha. Não aprendi parar até hoje. Sou apicultor e alguém me pergunta o que você está fazendo lá na universidade, eu não sei, mas vai ser aproveitado pra quem estiver mais preparado. Agora eu sei que estou comprometido com a saúde, por isso não gosto da velhice. Eu quero é ter uma saúde mais o menos, mas agora eu estou comprometido com a perna, o meu fêmur esquerdo está estragado em cima e eu não posso fazer física, depois que eu passei sete anos em uma academia fazendo judô. Eu passei uma vida toda sendo uma pessoa ativa, mas agora a minha idade está fazendo eu diminuir”.

Parece até que há uma grande satisfação em usufruir dessas “regalias” pela idade que elas têm e talvez seja essa mesma a função a ser reivindicada por elas, de pessoas que já contribuíram com muito trabalho para a sociedade e agora merecem uma oportunidade de vida mais fácil.

São enfatizadas as possibilidades que a universidade proporciona aos idosos demonstrando na lei o novo espaço a ser vivido aos da maior idade, ou, melhor idade, ou, qualquer que seja o nome que eles possam ganhar.

São questionamentos válidos que refletem a realidade dos idosos em nosso país. Mas de qualquer forma é também claro que esses direitos têm se concretizado cada vez mais na vida desses idosos. Parece que eles não desistirão de lutar por estes novos direitos.

Percebe-se a luta por preservar a saúde e a aparência com a visão de que não envelheceu como veremos mais adiante com novas perguntas na pesquisa que serão respondidas e acrescentarão ideias às lutas do velho com o idoso.

Temos uma realidade especial de pessoas que desejam ser tremendamente ativas, mesmo ultrapassando a expectativa de vida em nossa sociedade.

Como o Sr. José que está com oitenta e dois anos de vida e não desiste de trabalhar afirmando que é isso que impulsiona sua vida e mais ainda seus direitos deveriam ser outros e não cortar fila de banco ou mercado, ele precisa é de remédios.

3.3 QUAL A SUA MOTIVAÇÃO EM CURSAR UMA UNIVERSIDADE DA TERCEIRA IDADE?

Talvez agora entremos em uma das maiores questões desta nova sociedade de idosos que lutam para não ser velhos quando a pergunta gira em torno da motivação em voltarem a estudar.

Com isso temos novamente nossos entrevistados em questão para abordar uma compreensão do que se passa nessa luta de aceitação de indivíduos dentro de uma sociedade que cada vez mais priva seres humanos mais “velhos” de participarem da atividade da vida.

Dona Zilda mostra uma motivação sem igual dizendo:

“A motivação maior que graças a Deus eu tenho o apoio muito grande da família, mesmo tendo ficado viúva, eu tenho esse apoio. Eu tenho autonomia financeira, vivo da pensão do meu marido e não dependo ainda dos filhos e tenho três filhos e as filhas mulheres queriam que fosse viver com elas e eu reivindiquei o direito de que enquanto puder, e aqui neste Projeto UAMA, veio só reafirmar que eu estava certa de ter autonomia, já que eu não preciso, eu preciso sim do carinho da família e do apoio, mas financeiramente eu compro meus remédios, faço a minha feira, independente de eu perguntar à minha filha se ela pode me levar ao supermercado? Você pode comprar um remédio pra mim? Eu ajo! O que me trouxe ao Projeto UAMA foi mais uma reafirmação de participar de uma sociedade ativa. Eu como idosa sim, velha não, ainda me acho no direito de fazer parte de uma sociedade, não ficar numa cadeira de balanço somente fazendo um crochezinho, cochilando, não, eu faço tudo que posso até o momento que me for permitido ter essa autonomia e o Projeto UAMA tem colaborado imensamente para isso”.

Dona Geralda também tem consciência disso ao declarar que:

“A minha motivação foi uma porta que se abriu e a oportunidade de fazer um curso como este e vestir esta camisa da UAMA. Essa porta abriu na hora certa e aqui estou eu maravilhada com este curso e os professores, cada um recebendo e transmitindo, recebendo e aprendendo. Tenho o privilégio de servir à comunidade”.

O que diz a dona Josefa? Ela diz que:

“Eu tinha muita vontade, eu sonhava com a universidade, apesar de eu criar quatro filhos e meu esposo só ganhava um salário mínimo, mas eu fiz tudo para eles fazerem universidade. É tanto que eu tenho três formados e o mais novo está cursando direito agora. Eu agradeço muito a UEPB porque se não fosse ela meus filhos não tinham estudado não, porque eu nunca paguei um tostão pra escola deles. O que eu pude fazer eu fiz, acompanhando o dever de casa deles, porque eles não saiam enquanto não terminassem os deveres. O professor tem a obrigação dele, mas nós como mãe temos a obrigação de acompanhar os nossos filhos e saber se estão fazendo os deveres de casa. Eu acho muito importante o contato dos pais com os professores, apesar de ver que são poucos os que fazem isso. Eu vejo muita deficiência nesse ponto, mas eu não tive com meus filhos. As pessoas se ligam muito pro trabalho e os filhos ficam sabem como”.

Sr. Wilson tem sua visão também que pode contribuir e muito declarando que:

“Eu disse anteriormente que tinha dificuldades em admitir a minha idade e eu fui o primeiro a me inscrever neste curso. Eu sou o aluno número um. Uma que eu trabalhava com a universidade como consultor de segurança e quando eu soube deste curso, eu disse à minha esposa “eu vou fazer”. A minha esposa é professora da universidade, ela é doutora na fisioterapia e ela falava “mas você que não gosta que ninguém te chame de velho”, não, mas vai ser uma oportunidade de buscar um espaço. A UAMA foi um degrau importante para que eu assumisse. Eu tenho duas formações de Terceiro Grau, sou formado em ciências físicas e biológicas e quase terminei direito, desisti antes de terminar, mas eu tenho aquela ansiedade em aprender e eu tento continuar estudando porque é bem melhor do que ficar vendo novelas ou fazendo outras coisas que não vão trazer nada de positivo. A convivência com a família é muito importante, mas é também importante trazer novos conhecimentos externos, até mesmo para passar para a família. Eu continuo trabalhando também”.

Sr. José já foi o último a se inscrever e depõe sua motivação como:

“Aqui eu fui o último a entrar e para conviver com a terceira idade, mas mesmo assim, quando eu entrei aqui, eu só tinha uma conhecida, e hoje eu conheço as quarenta e nove pessoas, não pessoas, mas quarenta e nove famílias. Eu sou mais amigo deles do que o povo lá de casa”.

Esse é um exemplo de persistência de pessoas que não querem desistir da vida ativa e buscam oportunidades para manter a mente sadia e produtiva.

É a visão de uma vida de serviço à comunidade em que se está inserida. Parece que nascemos para servir uns aos outros em comunidade e não nos isolarmos da sociedade. Esta afirmação tem sentido por todas as respostas que veremos aqui, de pessoas humanas que veem uma oportunidade de demonstrar sabedoria e conhecimento pela experiência adquirida na vida.

São pessoas que apesar da limitação financeira e oportunidades na vida, não desistiram, pelo contrário tentaram fazer por valer todo esforço, dando educação e valores aos filhos pela vida que não puderam ter, mas agora elas têm e isso demonstra um sentido de continuidade na família.

Há as suas exceções, como o Sr. Wilson que foi o primeiro a se inscrever no curso e a conseguir vencer suas limitações quanto à idade que chegou e chegou para ficar. É uma pessoa instruída e capaz de continuar ativa em uma sociedade que podemos considerar insaciável por trabalho e atividade, quer ela seja física ou intelectual.

Parece que o isolamento é a maior doença dos idosos, e proporcionar novas amizades, novos conhecimentos, novas atitudes e novas oportunidades são a ementa da Universidade para a Maturidade a UAMA.

3.4 OS OBJETIVOS DO CURSO ESTÃO SENDO ALCANÇADOS?

No meio destas entrevistas, procuramos avaliar uma universidade como a UAMA, e como ela pode contribuir mais profundamente com recursos intelectuais para formar uma turma de terceira idade imbuída nos pensamentos rejuvenescedores e assim temos na pessoa de Dona Zilda a visão de que os objetivos da universidade:

“Plenamente estão sendo alcançados, pois as pessoas que estão no curso, de livre vontade não dizem que estão cansadas ou que querem desistir. Hoje mesmo, como um dia de chuva de inverno e a sala está cheia e a frequência é positiva. Esse projeto nos une e somos cinquenta novos amigos o que não é fácil nesta fase da vida. Quanto à minha saúde, eu sempre tive a consciência do que seria bom para mim, mas aqui veio ampliar através dos conhecimentos. Eu costumo dizer às pessoas que quando estou frequentando a Universidade, eu digo que somos cinquenta idosos, não velhos e a Universidade tem critérios de chamar professores da Universidade e não pessoas são pessoas inexperientes somente preenchendo o espaço. A Universidade nos oferece aquilo que temos direito com professores com mestrado, doutorado, especialização e cumprem com uma carga horária. Isso é

muito importante para nós, até para a autoestima. Quanto à alimentação, não mudou porque eu já tinha consciência do que seria bom ou ruim, veio ampliar esse conhecimento!”.

Dona Geralda também tem a contribuir com os objetivos do curso afirmando que:

“Tenho uma saúde boa e me alimento bem, tenho uma alimentação equilibrada e me cuido sim. O curso ajudou a melhorar nosso cuidado como alimento com menos sal, cuidados com a alimentação noturna, menos açúcar pra evitar diabetes. Nossa nutricionista é muito boa. Eu consegui na secretaria de saúde mudança dos horários para fazer o curso e não perco um dia dele”.

Dona Josefa dá uma aula de contribuição com detalhes riquíssimos sobre seu passado difícil e limitado. Ela diz que:

“Pra mim, tudo é proveitoso, porque então a gente fica esperando o que o povo diz e não é como a gente aprender o que é que deve fazer pra ter saúde e aqui a gente vê isso. Minha saúde mudou e a minha alimentação melhorou mais ainda, porque eu me alimento mais com fruta, porque eu não sei se era a falta de comida na infância, porque o que tinha pra comer era fruta, porque meu pai plantava e tudo que tinha era fruta. Minha mãe vai fazer cem anos e mora no mesmo sítio em que eu nasci. Ela não toma nenhum medicamento e tem uma ótima saúde. Ela diz que os médicos é que matam o povo. Papai plantava abacaxi e o café da gente de manhã era só abacaxi. Tinha leite também porque papai criava umas três vaquinhas pra dar de leite pros meninos, leite cru. Papai só comprava na feira queijo bolacha e pão, mas o resto era biju, macaxeira, batata, inhame. Eu nunca tinha comido sanduiche, salsicha e nem criei meus filhos também porque a gente não tinha condição. Esse negócio de sanduiche e pizza é pra quem tem dinheiro e eu não tinha não. Minha mãe não tem hoje com cem anos celulite e nem eu com setenta e três, mas tenho uma neta de quinze anos cheia de celulite. Eu não como macarrão, nem pão. Eu penso que a alimentação contribuiu muito pra saúde da gente. Além do que as frutas não tinham agrotóxico e as verduras também. O tomate era tudo miudinho”.

Sr. Wilson tem sua participação consciente de que:

“Eu sou um pouco crítico, mas sou um crítico que procuro não me manifestar em sala de aula para não atrapalhar os alunos. Eu até estava conversando com a colega que vai ser a próxima ser entrevistada, questionando a aula de filosofia que está sendo dada, por nós termos colegas com pouco conhecimento de banco de escola e eles ficam olhando tudo aquilo e não estão entendendo nada. A própria professora perguntou hoje: “Vocês estão acompanhando?” então filosofia é aquela coisa que não tem resultado exato, um filósofo fala de uma coisa e outro discorda, inclusive eu acho que tem até um preconceito dessa matéria quando em casa ou algum lugar as pessoas comentam e já vem ele filosofando. O conhecimento é importante, mas eu vejo alguns colegas boiando e eu sinto falta também de fisioterapia para idosos apesar de a educação física que temos ser muito boa. Quanto à saúde, o curso alterou sim, pois eu não fui muito preocupado com a saúde. Eu me alimento direito, não bebo e não fumo, mas se eu preciso ir ao médico eu não vou não e numa aula dessas, você acaba ouvindo um aluno e outro e vai se convencendo. Um idoso vai sentindo os sinais dos tempos no físico e nenhum idoso quer ser velho. Está tonto mas diz que está bem”.

Sr. José sendo mais breve na sua afirmativa, diz que:

“Mudou tudo na vida, até no modo de viver, até em casa com a minha mulher, ela achava que eu devia ter sido formado a mais tempo. Minha saúde é de velho, mas melhorou, eu procuro comer melhor porque sou hipertenso, procuro comer menos com mais valor”.

Interessante notar a evolução dos pensamentos quanto aos idosos e as possibilidades do curso, procurando preencher as lacunas deixadas pela vida de cada aluno que frequenta a UAMA.

Parece que na verdade a universidade está revendo conceitos sobre saúde que já existiam no passado e hoje são esquecidos ou não tratados com a devida atenção. O que se observa é uma tendência em reforçar a saúde através da boa alimentação com critérios definidos pelos médicos e de posturas saudáveis que se deve adquirir.

São pessoas que por falta de oportunidades na vida, não sucumbiram ante uma alimentação infladora de gorduras que prejudicam a saúde.

Alguns homens reagem fugindo dos médicos o que não ocorre com as mulheres. Esse é um preconceito de há muito tempo atrás que perdura até os dias de hoje e influencia sem sombra de dúvida na longevidade de vida feminina, perante homens que se tratam menos da saúde e morrem mais cedo.

Os estudos da universidade têm inculcado nas mentes e nos corações dessas pessoas, algo de bom, de produtivo, de valor não só intelectual, mas também emocional, sentimental e físico, fazendo com que eles rompam suas barreiras da timidez.

3.5 QUAIS OS MEDOS QUE JÁ ESTÃO SENDO PROVOCADOS COM A APROXIMAÇÃO DO FIM DO CURSO?

Terminando este momento da entrevista, podemos falar de um assunto complicado que é o medo do futuro sem as possibilidades de continuar vivendo com um grupo que aprendeu a conviver e usufruir das amizades e sensibilidades.

Dona Zilda é uma senhora que luta para preservar a vida no bom sentido da palavra, reconhecendo que não pode parar e para isso busca intensamente viver. Ela diz que:

“Nós já ficamos um pouco apreensivos quando passar este ano, porque o último ano passa mais depressa e ficamos apreensivos do que virá depois. Aqui eu vivo e aqui eu peço a Deus que quando chegar meu momento, que não seja logo não. Tenho dois programas numa rádio onde durante a semana eu tenho que fazer a programação por escrito porque ainda não aderi ainda à tecnologia e é com o lápis que faço a programação dos dois programas e a seleção musical e apresento os dois programas. Um é “Amor eternamente amor” onde eu falo de amor, ternura, carinho, onde eu falo de autoestima e essa autoestima é que me faz estar aqui. O outro é um programa saudosista onde eu digo que saudade é uma dádiva divina e não é motivo para tristeza porque só se tem saudade do que foi bom, então se eu tenho saudades, foram momentos vividos e que Deus facultou ao ser humano a saudade para que a gente viva e revida através da emoção, do raciocínio do cérebro e do coração, porque ninguém terá saudade de momentos ruins e todos nós tivemos os nossos. E eu já tenho medo neste momento do que vai ser depois de nós deixarmos o Projeto UAMA porque esta saudade virá se não houver outras opções”.

Dona Josefa diz que:

“Eu vou sentir muita falta porque não quero mais ficar em casa direto porque o dia não passa nunca. A televisão não vale nada porque raramente tem algo que presta. Eu não quero nem pensar nisso. Eu tinha tanta vontade de vir pra universidade que acho que foi Deus que preparou isso”.

Sr. Wilson diz que:

“Ansiedade não, mas triste que o curso já está acabando. Alguns que participam da UAMA também participam de outras atividades com idosos fora daqui e vão continuar, mas os que não participam já estão pensando. Será que vai ter mestrado?”.

Sr. José declara com toda segurança que:

“Nunca tive medo, acho que este é um defeito meu, não tenho medo nem da morte, porque uma pessoa de oitenta anos se tiver medo da morte é um covarde. Não existe morte, mas sim uma passagem de vida. Eu recebo a morte com o maior prazer da vida”.

Dona Zilda sem falar, faz um programa para idosos e velhos, sendo que cada um pode participar de momentos variados na vida.

Um programa é “amor eternamente amor” tentando dizer que o amor continua e o outro programa está voltado ao saudosismo com lembranças do passado.

De qualquer forma dona Zilda é uma pessoa de visão e que luta por vencer seus medos de forma criativa e honesta usando de um meio de comunicação como o rádio para se fazer presente na vida de outras pessoas quer se sintam velhos ou idosos.

Como podemos ver, são pensamentos que contribuem para se ter uma ideia de vida passada, vida presente e futura demonstrando a carência e necessidade de homens e mulheres que perseguem uma vida que seja satisfeita e feliz junto a outros com o mesmo sentimento.

O que se percebe nesta caminhada de emoções são as possibilidades que foram perdidas no tempo e não foram mais recuperadas pela vida, mas que podem ser produzidas por pessoas da maturidade que anteveem os preconceitos da idade e as limitações dos improdutivos como assim são vistos aqueles que atingem os sessenta anos de idade.

Querendo compreender melhor esse raciocínio da humanidade vamos dar continuidade à esta reflexão tentando ser ajudados por historiadores, sociólogos, psicólogos e outros docentes que tem contribuído com a universidade da Maturidade.

4 “VELHOS TÊM LEMBRANÇAS E IDOSOS TÊM SONHOS”.

Fridman (2000, pg. 11) diz que “se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas, fazendo surgir novos estilos, costumes de vida e formas de organização social”.

É o que se vê com as entrevistas dos envolvidos na perspectiva de que suas opiniões tanto de política social e educacional como de cultura adquiridos com o advento da informação conseguida com demonstrações de tecnologias até então inexistentes, influenciaram nas decisões de retomar os estudos em idade avançada.

As motivações necessárias para estarem em uma universidade novamente ou pela primeira vez para realizarem estudos e conhecimentos elevaram o espírito e ajudaram a enfrentar os desafios dos dias finais da vida.

Hoje o termo “velho” carrega um estereótipo cruel de que ser velho é ser um indivíduo diminuído que luta para continuar a ser homem, pois para se comunicar com seus semelhantes precisa de artefatos como próteses, lentes, aparelhos acústicos e aqueles que não podem possuir estes aparelhos, ficam excluídos da sociedade por privação da comunicação.

Este conceito nos ajuda Ecléa Bosi na sua triste frase que complementa essa dor que *“é a impotência de transmitir a experiência, quando os meios de comunicação com o mundo falham. Ele não pode mais ensinar aquilo que sabe e que custou toda uma vida para aprender”*.

Diante deste comportamento da sociedade em relação ao “velho”, só lhe resta lutar por novos conhecimentos para continuar vivo em suas paixões.

Veras e Camargo Jr¹⁰ têm uma opinião de que: *“É importante sublinhar que no momento em que a velhice passou a ser compreendida como uma etapa da vida e não como um processo patológico restrito à doença, fez-se necessária uma mudança de contexto institucional, ou seja, do hospital para a universidade... Portanto, esse contexto universitário é muito importante para os alunos mais velhos, sobretudo para as mulheres idosas que pertencem a uma geração na qual foram educadas para ser mãe, esposa e donas de casa, a oportunidade de frequentar uma universidade, ou seja, a possibilidade de estudar em um contexto socialmente reconhecido e valorizado, nesse caso específico a Universidade”.*

Veras e Camargo Jr já anteciparam estas questões que acreditamos relevantes como ao adentrar à academia, ou retornar a ela, teria mudado alguma coisa na vida, ou o que teria acrescentado, ou subtraído?

Esta decisão teria apoio da família ou desapoios? Quando terminar este momento acadêmico o que se pretende fazer da vida? Quais os medos que já estão produzindo esta possibilidade de terminar o envolvimento com o grupo da Terceira Idade e as chances de continuidade com novos projetos acadêmicos.

É uma geração reprimida de vontades, que se sujeita ao convívio no lar em favor dos filhos e que se aliena principalmente a mulher quanto aos estudos e vontades próprias. À mulher não cabe o divórcio e a repressão no lar é intensificada com a violência e subordinação.

Velhos hoje que vivem de lembranças, são pessoas machucadas, feridas na alma e vivem na depressão como narra Netto que:

“Os idosos tendem a preservar uma imagem de saúde, justificando suas limitações através da doença. É mais fácil acreditar que estão doentes e não velhos. Inclusive, na opinião de Blazer, a depressão da velhice está associada com uma perda da autoestima, que resulta da incapacidade do idoso de satisfazer necessidades ou impulsos ou de defender-se contra ameaças à sua segurança” (2005, pg. 13).

Esse critério de velhice só tende a piorar quando vemos pessoas que não se prepararam para esta fase da vida e perderam o status e a valorização social, fazendo com

¹⁰ 1995, apud, BOSI, Ecléa, Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos, 3ª edição, São Paulo, Cia das Letras, 1994, pg. 79

que a aposentadoria e o uso livre do tempo se tornem não um benefício ou conquista, mas um período indesejável, cheio de tédio e marginalização e grande preocupação econômica.

*“Você é velho não tanto quando tem uma certa idade, mas quando tem certos pensamentos;
 Você é velho quando lembra as desgraças e as ofensas sofridas e esquece as alegrias e os dons que a vida lhe ofereceu;
 Você é velho quando se aborrece com as crianças que correm, as meninas que conversam animadamente, os jovens que se beijam;
 Você é velho quando continua a louvar os tempos antigos e lamenta toda novidade;
 Você é velho quando não gosta mais do canto dos pássaros, do azul do céu, do sabor do pão, da frescura das águas, da beleza das flores;
 Você é velho quando continua a dizer que precisa ter os pés no chão e apaga da sua vida a fantasia, o sonho, o risco, a poesia, a música;
 Você é velho quando acha que terminou para você a estação da esperança e do amor;
 Você é velho quando pensa na morte como no descer ao túmulo ao invés de subir ao céu.
 Se, ao contrário, você ama, espera, ri, então Deus alegre a sua juventude, mesmo que você tenha 90 anos”. (NETTO, 2005, pg. 492)*

Diante dessa perspectiva do idoso dentro de uma sala de aula, eles estão em uma nova fase de vida, com “direitos” como estacionamento privativo para idosos, fila especial em banco e isenção de pagamentos em meios de transporte urbano, demonstrando que amadureceram sua visão de idosos e que agora tem como recompensas na vida alguns direitos como tal.

Não se manifesta mais vergonha desse momento, pelo contrário estão orgulhosos em pertencerem a uma classe etária diferenciada e com novas informações assimiladas ajudando neste processo de participação mais ativamente na comunidade.

É uma nova construção de um conjunto de características próprias desse grupo que possibilitam a sua identificação e reconhecimento diante de uma comunidade em transformação.

A escolarização tem sido um mecanismo de construção dessa identidade a que eles não tiveram a oportunidade no devido tempo e agora tentam reconstruir.

Há unanimidade em reconhecer que entre os alunos da Terceira Idade oriundos da Universidade, eles não aceitam o termo de serem “velhos”, mas sim “idosos”, demonstrando com isso o inculcamento em suas mentes de um novo conceito de realidade absorvidos através dos estudos gerontológicos desenvolvidos no final do século XX e início do XXI.

São esses conceitos de que ser velho é viver de lembranças do passado e se contentar com a aposentadoria de vida, de idéias, de sonhos e realizações e ser idoso é ser alguém que tem sonhos e futuro e não desiste de ser produtivo e ativo.

Essa diferenciação fica bem clara em todos os meios acadêmicos e os gerontólogos que têm incentivado estes termos para traduzir a qualidade de vida de um idoso e que a Terceira Idade pode ser considerada “Melhor Idade” se vista, com os olhos de uma pessoa mais experiente e realizada na vida, que pratica esporte, caminha, trabalha, lê, enfim, nunca desiste.

Agora, a oportunidade de participar em uma universidade para a Terceira Idade, tem proporcionado um reordenamento da vida cotidiana do cidadão idoso permitindo o reingresso ao cotidiano e o tratamento psicológico para se lidar com as novas emoções.

Essa oportunidade gera neste idoso uma mente saudável e possível de progressos em envolvimento culturais, artísticos, esportivos, permitindo uma readaptação ao tempo e às atividades junto à família e amigos.

A prática do lazer e atividades esportivas são conclusivas na motivação pessoal do idoso e no ganho de saúde e qualidade de vida com uma alimentação equilibrada e eficiente.

Atividades sociais voluntárias e comunitárias permitem um engajamento rico no processo de restauração da memória e no uso da mesma.

Desta forma, a Universidade à Maioridade é um caminho para a sociedade em si de conviver com os idosos e permitir que eles não se alienem das atividades da vida e pelo contrário, continuem ou dirá estendam a sua vida produtiva.

É inegável que o envelhecer causa perdas, crises e doenças pela naturalidade da vida que caminha para um momento final em que o corpo humano perde seu impulso e caminha para o esquecimento.

O mais importante visto nesta pesquisa com idosos, é que todos eles não desistiram de lutar e de querer viver seus dias da melhor forma possível, onde a maioria deles teve vida conturbada, difícil, na zona rural, longe de comércio, hospital e com muitos filhos e impossibilidades de estudo.

Outros viveram na área urbana, passaram por crises de identidade, lutas familiares e de interesses mesquinhos e contraditórios pelo poder e agora caminham para um momento de tranquilidade emocional sem igual.

Neste grupo heterogêneo que faz parte da universidade em questão, podemos ver que ao final de todas estas contradições e dificuldades, eles formam um grupo só de cinquenta amigos que não querem perder o vínculo conquistado e já se reorganizam para manter a união ao final do curso.

Acredito que esta é a maior vitória deste grupo que serve de lição para os próximos desafios da universidade e seus novos grupos que virão.

Idosos sim, velhos não, porque o desejo de sonhar não morreu e que as lembranças sirvam apenas como experiência de vida e não de depressão. Que esses idosos tornem-se narradores de uma vida, como um ofício de conselheiro, que narrando sua própria dor, mostra sua dignidade.

“Quando morrem as vozes dos avós, sua época nos aparece como um caminho apagado na distância. Perdemos os guias que o percorreram e saberiam conduzir-nos em suas bifurcações e atalhos” (BOSI, 2005, pg. 421).

Hoje o que nos resta é uma família restrita por meia dúzia de sobreviventes, com casais e poucos filhos, e quem se responsabilizará pelo legado das lembranças da família sendo que os parentes estão se afastando cada vez mais de sua convivência e morrendo isolados dos seus, onde estarão as testemunhas da humanidade?

Ecléa Bosi em seu clássico de *“Memória e sociedades: lembranças de velhos”*, cita Simone Weil que diz:

“Um ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (BOSI, 2005).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Veras (2001, pg. 11), oferece uma frase para a memória dizendo que *“O ofício de lembrar é tarefa salutar. Uma vez que haja estímulo à transmissão daquilo que cada um de nós vivencia e compartilha com os demais, eterniza-se o que poderia desaparecer”*.

Quero encarar os fatos de uma realidade que anda a passos largos e que o tempo não para, e que a vida se é valorizada não pela quantidade do que se deixou, mas pelos valores que se alcançou.

Lembrar-se do passado deveria ser uma arte de reconhecer os erros e atitudes e percebendo a razão da vida, lutar por se desviar menos e alcançar mais seus alvos e realizações.

O que é viver sem projetos? O que é viver sem olhar para frente? É viver ou perambular por dias difíceis onde se renega a inteligência e a capacidade de aprender e ensinar, e com experiência, poder convencer e alinhar aqueles que lutam por sobrevivência em um mundo capitalista cruel e desumano.

Os idosos nos ensinam o paradoxo entre o conhecer e o realizar, e a luta incansável para se conseguir algo ao sol e como diria a mentalidade da universidade à Terceira Idade, restabelecer no idoso a vontade de enfrentar, com mais felicidade, os poucos anos de vida que ainda restam para seus participantes.

Este trabalho chega ao seu final, procurando atingir a relevância da observação do idoso como um grande ser humano que contribuiu à atividade plena em sua maturidade e preservar a consciência de um povo através de sua memória.

Que sirva de incentivo à outras realizações com idosos e procure clarear direitos e deveres de cidadãos honrados que lutam por deixar um legado aos seus familiares através do estudo e principalmente já em avançada idade.

Que sirva de lição aos netos, bisnetos que veem na experiência de seus avós nestas universidades uma lembrança sem igual de homens e mulheres que lutaram até o fim.

REFERÊNCIAS

- AGRA DO Ó, Alarcon. **Norbert Elias e uma narrativa acerca do envelhecimento e da morte.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 15, n.2, pg. 389-400, abr-jun, 2008.
- BARROS, José D'Assunção, **Cidade e História**, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2007.
- BAUDRILLARD, Jean, **Tela total/mito: ironias da era do virtual e da imagem.** Porto Alegre, Sulina, 1997.
- BOSI, Ecléa, **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**, 3ª edição, São Paulo, Cia das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre, **Questões de sociologia e comunicação**, São Paulo, Annablume; Fapesp, 2007.
- BOURDIEUR, Pierre, **Sobre a televisão.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- CARMO, Paulo Sérgio do, **1950- Culturas da rebeldia: a juventude em questão**, São Paulo, Editora SENAC, São Paulo, 2001.
- ELIAS, Norbert, **A condição humana**, Rio de Janeiro, Bertrand, Brasil, 1991.
- ELIAS, Norbert, **A solidão dos moribundos, seguido de, envelhecer e morrer**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- FRIDMAN, L. C. **Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento.** *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, VI (2), 353-375, jul-out, 1999.
- FRIDMAN, L. C. **Vertigens pós-modernas. Configurações Institucionais Contemporâneas.** Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- GIDDENS, Anthony; Beck, Ulrich e Lash, Scott, **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo, Editora Unesp, 1997.
- GOLDESTEIN, Lídia, **Repensando a dependência**, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**, Paris, PUF, 1956.
- HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

IBGE, **Estatísticas do Século XX**, Rio de Janeiro, 2006, p. 125; 340 a 342.

JAMESON, Fredric, *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*, São Paulo, Ática, 1996.

NERI, Anita Liberalesso, **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, São Paulo, 2007.

NETTO, Papaleo Matheus, **Gerontologia**, São Paulo, Editora Atheneu, 2005.

PEIXOTO, Clarice Ehlers, **Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias**, Rio de Janeiro, FGV, 2005.

VERAS, Renato, Mil novecentos e antigamente / Organização Mabel Imbassahy, Apresentação Renato Veras, Rio de Janeiro, UERJ, UnATI, 2001

VERAS, R. e CAMARGO JR. K. **Idosos e universidade parceria para a qualidade de vida. In: VERAS, R. (org.) Terceira Idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AGRA DO Ó, Alarcon. **Por uma história (cultural) da velhice**. Trabalho apresentado no GT História Cultural do XII Encontro Estadual de História da ANPUH/PB: História e Multidisciplinaridade: Fronteiras e Deslocamentos, 23-28 jul. 2006. Cajazeiras. 2006.

ARANHA, Gervácio B. **Seduções do moderno na Parahyba do norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880-1925)**, In AGRA DO Ó ET AL. **A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural**, João Pessoa, Idéia, 2003, PP 79-132.

BARROS, José D'Assunção, **O Campo da História**, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

BARROS, José D'Assunção, **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**, 4ª edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre, **Questões de sociologia e comunicação**, São Paulo, Annablume; Fapesp, 2007.

BOURDIEUR, Pierre, **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

CÂMARA, Epaminondas, **Datas Campinenses**, Campina Grande, Ed. Caravela, 1988.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo, **Domínios da história, ensaios de teoria e metodologia**, 16ª reimpressão, Rio de Janeiro, Elsevier, 1997.

CEOM Cadernos do, Chapecó: **Experiência humana e narrativa – a questão da preservação da memória por intermédio dos acervos orais**, Argos, 2005, nº 22, 288p

CERTEAU, Michel de, **Artes de fazer: In: A invenção do cotidiano**, Vol. I, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de, **Marchas da cidade: In: A invenção do cotidiano**, Vol. 2, 9ª edição, Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 2009.

CHAUI, Marilena, **Convite à filosofia**, São Paulo, Ática, 2000

GIDDENS, Anthony, **Política, sociologia e teoria social**. São Paulo, Editora Unesp, 1998.

GIDDENS, Anthony, **Para além da esquerda e da direita** São Paulo, Editora Unesp, 1995.

GIDDENS, Anthony, **As consequências da modernidade**. São Paulo, Editora Unesp, 1990.

GIDDENS, Anthony, **A constituição da sociedade**, São Paulo, Martins Fontes, 1989.

LIMA, Henrique Espada, **A micro-história italiana; escalas, indícios e singularidades**, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2006.

MONTENEGRO, Antonio Torres, **História oral e memória: a cultura popular revisitada**, 6ª edição, São Paulo, Contexto, 2007.

NETO, Manoel Freire de Oliveira, **Calidad de vida de mayores y SUS aspectos bio-psico-sociales. Estudio comparativo de los instrumentos WHOQOL-BREF y SF-36**, Tesis Doctoral, Granada, 2007.

PEIXOTO, Clarice Ehlers, **Envelhecimento e imagem: as fronteiras entre Paris e Rio de Janeiro**, São Paulo, Annablume, 2000.

PINSKY, Carla Bassanezi, **Fontes Históricas**, 2ª edição, São Paulo, Contexto, 2006.

REVISTA NEHO-HISTÓRIA, nº 1, Novembro, In: BRITO, Fábio Bezerra de, Meihy, José Carlos Sebe Bom, Universidade de São Paulo, 1999.

SCHULER, Fernando e SILVA, Juremir Machado da, **Metamorfoses da cultura**, Porto Alegre, Sulina, 2006.

VERENA, Alberti, **Manual de história oral**, 3ª edição, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005.

<http://www.portaldoenvelhecimento.net/artigos/artigo2084.htm>. acessado em 20 de outubro de 2010